

Trabalhando com Lacan
na análise, na supervisão,
nos seminários

Organizado por
Alain Didier-Weill e
Moustapha Safouan

Trabalhando com Lacan

na análise, na supervisão,
nos seminários

tradução
Claudia Berliner

revisão técnica
Leila Longo

Título original:
Travailler avec Lacan

Tradução autorizada da primeira edição francesa,
publicada em 2007 por Aubier, do grupo Flammarion,
de Paris, França

Copyright © 2007, Éditions Flammarion, département Aubier

Copyright da edição brasileira © 2009:
Jorge Zahar Editor Ltda.
rua México 31 sobreloja
20031-144 Rio de Janeiro, RJ
tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800
e-mail: jze@zahar.com.br
site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Cet ouvrage, publié dans le cadre de l'Année de la France au Brésil et du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires étrangères. "França.Br 2009" l'Année de la France au Brésil (21 avril – 15 novembre) est organisée: en France, par le Commissariat général français, le Ministère des Affaires étrangères et européennes, le Ministère de la Culture et de la Communication et Culturesfrance; au Brésil, par le Commissariat général brésilien, le Ministère de la Culture et le Ministère des Relations extérieures.

Este livro, publicado no âmbito do Ano da França no Brasil e do Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade, contou com o apoio do ministério francês das Relações Exteriores. "França.Br 2009" Ano da França no Brasil (21 abr – 15 nov) é organizada: na França, pelo Comissariado Geral Francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance; no Brasil, pelo Comissariado Geral Brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.

Projeto gráfico: Bruno Cruz
Capa: Dupla Design
Ilustração da capa: lacan@martinefranck.com/magnumphotos

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

T681 Trabalhando com Lacan: na análise, na supervisão, nos seminários/
organizado por Alain Didier-Weill e Moustapha Safouan; tradução Claudia Berliner;
revisão técnica Leila Longo. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Tradução de: *Travailler avec Lacan*
ISBN 978-85-378-0150-5

1. Lacan, Jacques, 1901-1981. 2. Psicanálise. I. Didier-Weill, Alain. II. Safouan, Moustapha.

09-2556.

CDD: 150.195
CDU: 159.964.2

Sumário

Preâmbulo, 7

Moustapha Safouan

Introdução, 13

Moustapha Safouan

1 | Perguntas a Jean Clavreul, 19

2 | Lacan, o espantoso, 28

Alain Didier-Weill

3 | Observações sobre a prática institucional de Lacan, 36

Claude Dumézil

4 | Supervisão com Lacan, 44

Adnan Houbballah

5 | O fim de uma sessão, 51

Philippe Julien

6 | Ritmo, presença, voz, respiração.

Testemunho sobre o manejo da transferência em Lacan, 57

Marie-Christine Laznik

7 | “Você me disse isso hoje...” (Sobre a prática de Lacan), 72

Jean-Jacques Moscovitz

8 | Sobre a distinção lacaniana entre a
psicanálise terapêutica e a psicanálise didática, 81
Moustapha Safouan

9 | Praticar Lacan, 89
Christian Simatos

10 | Lacan, grande homem, 99
Dominique Simonney

11 | Uma prática sem tagarelice, 112
Colette Soler

12 | Passes. O sabre e o pincel, 122
Patrick Valas

13 | “Tiradas” de Lacan?, 134
Jean-Pierre Winter

Postfácio, 144
Alain Didier-Weill

Os autores, 155

Agradecimentos, 160

Preâmbulo

O termo “verdade” costuma ser usado a respeito das proposições. Uma proposição é verdadeira se corresponde a um fato ou se, à exceção da cópula, mantém uma relação de *mapping* com um fato. Segundo outra versão, uma proposição é verdadeira se diz do que é que ele é e do que não é que ele não é.

Mas também é bastante comum usar “verdadeiro” para objetos. Dizemos, por exemplo, que a coroa do rei de Siracusa era feita de ouro verdadeiro, como demonstrou Arquimedes ao forjar o conceito científico de peso específico. Também dizemos de fulano que ele é um homem “de verdade”, em que “verdade”, sem dúvida, não faz mais que trair o ideal fálico que entra de contrabando sob o vocábulo “homem”. Posso dizer ainda que o general De Gaulle é um “verdadeiro” homem de Estado – e aí o mesmo termo não faz mais que traduzir a concepção, em geral nebulosa, que tenho de homem de Estado.

Por isso, devemos distinguir os casos em que “verdadeiro” apenas traduz um ideal ou um ponto de vista que remete, cúmulo da mistificação, a um objeto que se coloca como ina-

cessível e aqueles em que o ponto de vista ou a idealização cria o objeto, caso da linguística, no dizer de Chomsky, para não falar da geometria euclidiana.

Entre esses dois extremos, aquele em que o ponto de vista faz a inacessibilidade do objeto e aquele em que ele o produz, podemos distinguir casos intermediários. Assim é que um historiador fala do “verdadeiro” Descartes, o que significa que ele pretende definir o traço específico, aquele que constitui a originalidade da obra desse filósofo – pretensão cujo valor científico se mede pela consistência dos argumentos que a sustentam.

Se, nessa linha, me perguntassem qual é o verdadeiro Lacan, eu responderia que o traço distintivo da obra de Lacan consistiu em teorizar os três livros “canônicos” de Freud: *A interpretação dos sonhos*, *Psicopatologia da vida cotidiana* e *Chistes e sua relação com o inconsciente*. Essa teorização se resume na proposição, desconhecida pelos filósofos, de que a verdade fala. O que não quer dizer que ela se articule, e sim que ela se significa; e é justamente na medida em que se retira do saber que ela se significa como tal, como verdade: foi quando ela se retirou do saber do Freud médico que o limite de sua potência se significou no esquecimento de *Signorelli*.

Essa distinção entre verdade e saber tem consequências práticas. Implica a queda do eu [*moi*] do estatuto que um Fennichel lhe conferia de agente que emprega as palavras e entende seu sentido. Descobre-se uma outra alteridade além do *eu* [*je*], a tal ponto que eu diria que, a menos que se enraíze num dogma ou na crença, o pensamento procede do impensável, pois um sujeito não conseguiria a um só tempo dizer o que pensa e retrair a gênese de seu pensamento. O ato psicanalítico não se endereça nunca a um *tu* que, mesmo batizado de inconsciente, jamais será mais que a sombra da alma antiga proposta no adágio socrático: “Conhece-te a ti mesmo.” Ele

implica uma dessubstantificação extrema do sujeito e se limita a reconhecer o que, na boca do analisando, se revela ser o significante do Outro nele.

Contudo, não é preciso praticar a análise para dar essa resposta. Basta uma leitura atenta dos *Escritos* de Lacan. É de lá que vem o interesse dos testemunhos daqueles que trabalharam com ele, seja como analista, seja como supervisor, seja como professor. Esse interesse não decorre do fato de eles nos darem Lacan como ele é. Nem mesmo creio que se possa ler neles a verdade sobre a ação de Lacan, mas sim essa verdade tal como se mostra no que dizem dela aqueles que lhe devem, em maior ou menor medida, o seu tornar-se analista.

Isso não impede a evocação de alguns enunciados de Lacan cuja natureza é esclarecer os traços distintivos de sua ação, como se mostram nos testemunhos que serão lidos.

Lembro que durante os dois primeiros anos de seu seminário, dedicados a comentar as *Cinco psicanálises* de Freud (1951-53), Lacan se deteve mais de uma vez no modo como os mestres zen procediam com seus discípulos e na liberdade com que recorriam a qualquer ato que se revelasse útil, por mais estranho que fosse, para romper alguma cegueira do discípulo: administrar-lhe uma cacetada, por exemplo. O significado dessa reflexão era claro: o analista pode e deve se outorgar essa liberdade desde que seu desejo – aqui, cito Lacan – “não seja tão besta como o desejo do mestre hegeliano”. O que, em nosso jargão, significa, sem dúvida, um desejo que não se amuralha por trás dos mecanismos de defesa. Nota-se, portanto, que o centramento da análise em torno do desejo do analista já estava presente desde o começo de seu ensino. Foi esse centramento que lhe possibilitou, posteriormente, encaminhar à noção de contratransferência a crítica que todos conhecem e denunciar qualquer interferência do saber analítico na condução do tratamento como uma fuga diante do que o discurso

do analisando comporta de candente, na medida em que o recalçado nele retorna como “semidizer”. Daí se deduz o traço que caracteriza as intervenções de Lacan: cada uma delas se dirige àquele ponto que significa a partir do próprio sujeito, ainda que ele mesmo “não saiba disso”. Nota-se, além disso, que o desejo do analista, tal como acabamos de caracterizá-lo em contraste com o desejo do mestre hegeliano, só pode ser fruto de uma análise que merece ser qualificada de “didática”, porquanto se espera que ela conduza, fora todo benefício terapêutico, à obtenção desse próprio desejo.

Isso me leva a evocar outra lembrança que remonta a esses mesmos anos, marcados pelas diferenças de ponto de vista em torno da questão da instituição psicanalítica, diferenças que opunham Lacan a um grupo de analistas que se preparava para assumir a direção do Instituto e, assim, encarregar-se efetivamente da formação dos analistas, ao lado da Sociedade, reduzida a um clube científico. Depois de todos os membros da Sociedade terem tomado conhecimento dessas diferenças em 1953, Lacan exprimiu uma vez seu espanto diante do fato de alguns analistas amigos seus terem-no tachado de “masoquista”, já que a conclusão dessa oposição era conhecida de antemão: uma votação deveria demitir Lacan de sua função de presidente da Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP). O atributo “masoquista” podia parecer ainda mais defensável já que, na mesma época, Lacan, sem dúvida irritado com o inchaço existencialista da ideia do “absurdo”, enfatizava que a reiterada afirmação de que a vida não tem sentido não passava de uma maneira de desconhecer que ela tem, sim, um e um só sentido: a morte. Essa última asserção merece uma ressalva: a morte não é um sentido, mas um termo; ela é tão estranha ao sentido quanto ao não sentido, uma vez que não infunde a certeza que o ato dá no só-depois. O que não impede que o espanto de Lacan fosse amplamente justificado. Com efeito, que instância

decide aqui o caminho pelo qual o sujeito deve enveredar sua vida?¹ Quero dizer com isso que a alegação de masoquismo em semelhante circunstância só pode produzir covardes, ao desconhecer o traço fundamental do desejo, qual seja, sua recusa em se iludir com o que é da ordem do bem. Em contrapartida, todo aquele que reconhece a faculdade que o sujeito tem de tomar uma decisão por sua conta e risco, sem recorrer a nenhuma instância, exceto a heteronomia do desejo, verá imediatamente que “o analista só se autoriza por si mesmo”.

Conhece-se o “medo”, para utilizar o termo de Niels Bohr, que suscitou no seio da comunidade psicanalítica esse aforismo de Lacan. Mas, em vez de nos deixarmos invadir pela angústia, melhor nela nos apoiarmos para fazer esta pergunta que ele nos deixa: como uma análise que se dirige não ao Eu enceguedido pela miragem de sua autonomia, mas ao lugar de onde o desejo, indestrutível, faz o Aqueronte se curvar, prepara (a análise) o terreno para essa autorização?

A ideia de recolher os testemunhos aqui reunidos germinou primeiro dentro da Fundação Europeia de Psicanálise. Tudo leva a crer que ela era amplamente compartilhada fora dos limites dessa fundação, como mostra a multiplicidade e a variedade dos discursos que leremos e que vão do relato à teorização da prática do mestre.

Moustapha Safouan

¹ Refiro-me aqui a uma conversa ocorrida entre Werner Heisenberg e Niels Bohr. Conversavam sobre um amigo morto na França durante a Primeira Guerra Mundial. “Na sua opinião”, perguntou Heisenberg, “teria sido melhor ele pensar que tudo isso era apenas ilusão, sugestão, embriaguez, que essa exigência do comprometimento supremo não deveria ser levada a sério? Que instância tinha, contudo, o direito de proclamar isso?” “O que o senhor me diz me deixa muito triste”, respondeu Bohr, “mas não é esta uma verdade assustadora?” (cf. W. Heisenberg, *La partie et le tout – Le monde de la physique atomique*. Paris, Flammarion, col. Champs, p.75).